

FUTEBOL: SOCIALIZAÇÕES FAMILIARES NO BECO

SOCCKER: FAMILY SOCIALIZATIONS IN THE ALLEY

FÚTBOL: SOCIALIZACIONES FAMILIARES EN EL CALLEJÓN

Walter Reyes Boehl

walter.boehl@ufrgs.br

Mauro Castro Ignácio

mauroesef@gmail.com

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

PALAVRAS-CHAVE: *futebol; etnografia; sociedade.*

INTRODUÇÃO

O futebol pode ser considerado o esporte que mais alimenta esperanças aos jovens enquanto profissão. Seguir a carreira de futebolista profissional é dado como máxima oportunidade de vida aos que almejam sair da penúria. Inúmeros jovens chegam aos clubes de futebol pelo incentivo familiar e o desejo de, através desse esporte, enriquecer rápido para dar condições melhores aos familiares (VIEIRA, 2016).

Quando o jovem ascende à base, não chega sozinho. Antes de configurar a família esportiva - treinadores, empresários, dirigentes, olheiros, (SPAGGIARI, 2015) - o atleta, em geral, leva consigo os pais como esteio. Através de esforços múltiplos dos familiares (RIAL, 2006) - passagem de ônibus, alimentação, material esportivo, entre outros - os mantêm em condições de treinar diariamente.

METODOLOGIA

Esta pesquisa, em curso, tem como escopo entender e refletir, através da teoria etnográfica, como se configuram e se socializam os integrantes das diferentes famílias de jovens aspirantes a jogador de futebol das categorias de base de um clube de Porto Alegre.



SOCIALIZAÇÕES NO BECO

Quando entramos no campo becoazul¹, a priori, percebemos o território organizado pelos familiares de jovens atletas que, além de passar as tardes à espera de seus filhos com conversas jogadas fora, aproveitavam o ócio para planejar encontros festivos e como auxiliar nas finanças da categoria de base. Inicialmente, nada deveria nos causar estranheza. A comunidade laborava em prol da formação dos aspirantes.

Conforme nossos reposicionamentos iam descortinando-se elementos que na lonjura não se via. O que inicialmente intuía-se como uma sociedade coesa, passava a exibir-se como uma coletividade gretada. A partir de novas lentes, percebemos o cenário como elisiano, composto de estabelecidos e de outsiders (ELIAS, 2000). De um lado, o grupo empoderado através da força econômica. Do outro, sustentando-se pelo capital futebolístico - representado pelo dom/dádiva/talento - de suas proles (DAMO, 2005). Entendemos, dessa forma, estes como outsiders, haja vista, terem chegado ali naquele ano, como demonstra o Carlos, pai de um atleta da categoria infantil:

Eles têm dinheiro. Por isso ficam nos menosprezando. A toda hora jogam na nossa cara que aquilo só existe porque eles pagam. Que eles colocam grana na categoria. Eles têm o grupinho deles. Dos ricos. A gente chegou esse ano no clube. Por isso que ficamos na nossa. Querem que a gente pague. Mas não temos as mesmas condições financeiras. A única coisa que temos a oferecer é o futebol de nosso filho (DC, 18 de outubro de 2018).

Intuímos, então, que os outsiders eram famílias de menor poder econômico, contudo, seus filhos eram os que gozavam de maior prestígio esportivo junto à direção do clube.

A separação física dessa sociedade era aparente. Até mesmo em dia de jogos, as arquibancadas evidenciavam a condição de afastamento. Os estabelecidos se postavam mais ao centro-direita das cadeiras sociais; enquanto, os outsiders ficavam à esquerda. Todavia, era nas partidas de futebol que o capital futebolístico dos outsiders parecia suplantar o capital econômico dos estabelecidos. A escalação do time titular, bem como, a lista dos convocados tendia como o fiel da balança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sociedade ora estudada apresentou uma constituição de dois grupos heterogêneos, estabelecidos e outsiders, que intentam a formação de seus filhos como jogadores de futebol profissionais. Sendo que, para lograrem êxito, cada grupo empresta à instituição formadora o melhor capital que possui.

REFERÊNCIAS

- DAMO, A. S. *Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*. 2005. 435 f. Tese (Doutorado) - Curso de Antropologia Social, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UFRGS, Porto Alegre, 2005.
- ELIAS, N. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- RIAL, C. Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. *Horizontes antropológicos*, v. 14, n. 30, p. 21-65, 2008.
- SPAGGIARI, E. *Família joga bola: constituição de jovens futebolistas na várzea paulistana*. 2015. 470 f. Tese (Doutorado) - Curso de Antropologia Social, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 2015.
- VIEIRA, L. M. *Futebol: do sonho do jogo ao jogo do mercado*. 2016. 65 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação) - Curso de Serviço Social, Departamento de Serviço Social, da UFSC, Florianópolis, 2016.

¹ Nome fictício para o local, com o intuito de resguardar a identidade do clube.

